



# O Renascimento do Helicóptero de Ataque no Combate Aproximado

Major Robert M. Cassidy, Exército dos EUA

*Os americanos definem a guerra como sendo um combate contra as forças armadas de um estado inimigo, uniformizado e disciplinado, que combate de maneira honrada, como eles próprios.*

Daniel P. Bolger<sup>1</sup>

O FATO DE QUE escrevo este artigo estando em um campo de pouso no Iraque, ao norte de Tikrit, é testemunho do sucesso dos EUA e de seus parceiros de coalizão nos esforços para remover o regime Ba'ath de Saddam Hussein e libertar o povo iraquiano do seu jugo. Embora esta segunda Guerra do Golfo Pérsico tivesse batalhas convencionais e simétricas no início, algumas forças iraquianas empregaram táticas assimétricas para minar os planos da campanha americana e para testar a determinação do povo americano.

Após a captura de Bagdá, a Força-Tarefa *Iron Horse* (cavalo de ferro), incluindo a 4ª Divisão de Infantaria (4<sup>th</sup> Infantry Division) e unidades em reforço, recebeu a missão de retirar as forças que ainda resistiam (*non-compliant forces* — *NCF*) da área ao norte de Bagdá (centrada em Tikrit, a antiga área de concentração do apoio político de Saddam) e de interditar a proliferação dos inúmeros sistemas de armas que permaneciam na área. Tanto o emprego de técnicas assimétricas contra forças americanas em deslocamento para Bagdá quanto a subsequente intransigência das *NCF* no norte do Iraque, empregando táticas de guerrilha para adquirir armas e interromper linhas americanas de comunicações (*lines of communications* — *LOC*), eram contrários à definição americana da guerra.

Durante a primeira Guerra do Golfo Pérsico em 1991, as forças iraquianas enfrentaram os EUA e os seus parceiros de coalizão de acordo com o dominante paradigma ocidental (convencional e assimétrico) da guerra. Não

é de surpreender que as forças iraquianas tenham sido derrotadas. Tampouco surpreende que, em 2003, algumas forças iraquianas adotaram abordagens assimétricas para tentar diminuir a grande vantagem americana em tecnologia e perícia militar convencional. O maior e mais inquietante emprego iraquiano de técnicas assimétricas ocorreu durante a aproximação de Bagdá no dia 23 de março de 2003. Pequenas unidades iraquianas, muito dispersas, executaram emboscadas, usando telefones celulares e uma rede de observação nas cidades ao sul de Bagdá. Essas emboscadas danificaram um número de helicópteros *AH-64* que estavam executando um ataque de formatação profunda (*deep shaping*), nível corpo, contra divisões da Guarda Republicana em torno de Bagdá.

O inimigo iraquiano nunca apresentava um alvo concentrado para ataques de *AH-64* e dispersava-se com rapidez nas cidades para não permanecer em posições de combate defensivas convencionais e previsíveis. Durante uma emboscada iraquiana, o fogo antiaéreo e de armas leves danificou mais de 90 por cento dos helicópteros de um dos regimentos americanos e uma das tripulações foi capturada. Os danos sofridos pelas aeronaves de um dos batalhões de helicópteros de ataque foram tão severos que esse batalhão não participou mais de ações importantes durante o resto da guerra.<sup>2</sup>

Pouco depois da queda de Bagdá e antes das forças de coalizão terem vencido uma série de *NCF* no norte do Iraque, a mídia começou a comentar que os dias do helicóptero *Apache Longbow* estavam contados. Estes comentários negativos prediziam o fim das operações formatação profunda e postulavam que o *Apache* era obsoleto. Essa opinião parecia estar baseada em um só altamente visível mas fracassado ataque em profundidade de grande escala. Na verdade, o *Apache* havia provado o

seu valor e eficácia durante a primeira Guerra do Golfo Pérsico e durante a guerra no Afeganistão.

Esperando tirar vantagem no jogo das apropriações de defesa, peritos (auto-proclamados) em helicópteros de ataque e em poder aéreo disseram que era tempo de eliminar o *Apache* e atender à sua função de apoio terrestre com o *Warhog A-10* da Força Aérea dos EUA. Outros argumentaram que o *Apache* foi desenhado para uma função de ataque em profundidade, num contexto de guerra convencional entre formações organizadas e de armas combinadas. Assim, os adversários que preferiam as abordagens assimétricas consideravam o *Apache* como um dinossauro, apenas outra relíquia da Guerra Fria.

Os “peritos” estavam enganados. Após 23 de março de 2003, a aviação de ataque do Exército adaptou táticas para responder à ameaça assimétrica. Com ataques de apoio aéreo aproximado para aeronaves *A-10* (*close air*

***A guerra assimétrica não é um conceito novo; tem origens tão antigas quanto a ocupação romana da Espanha e dos países do mediterrâneo oriental. O escopo e a definição da assimetria limitam o uso das táticas de guerrilha e de pequenas unidades usadas por elementos irregulares e paramilitares para intimidar, emboscar, bombardear e interferir com postos avançados, postos de controle, ou LOC de formações convencionais.***

*support* — CAS), os helicópteros *Apache* conduziram reconhecimento armado eficaz e missões de formatação aproximada, integradas com manobras terrestres para derrotar as divisões da Guarda Republicana que rodeavam Bagdá. Depois que as formações organizadas do Iraque se dissolveram, os guerrilheiros do partido Ba’ath iraquiano enfrentaram equipes pequenas de helicópteros *AH-64*, letais, eficazes e armadas, integradas com exploradores em terra e sensores em veículos aéreos não tripulados (*unmanned aerial vehicle* — *UAV*). Esta fase da Operação *Iraqi Freedom* foi caracterizada por pequenas unidades de armas combinadas, descentralizadas, operando em áreas de operações (*areas of operations* — *AOs*) não lineares e não contínuas. O Manual de Campanha 3-0 do Exército (*U.S. Army Field Manual* — *FM 3-0*) “Operações” (*Operations*) proporciona uma codificação e descrição perceptiva desta área operacional onde as operações de combate e estabilidade se sobrepõem.<sup>3</sup>

O *Apache Longbow* continua a ser um instrumento eficaz nas operações de reconhecimento armado em um espaço de combate não linear e não contínuo contra um inimigo que usa táticas simétricas e assimétricas. Depois

da captura de Bagdá, o helicóptero de ataque foi integrado às manobras terrestres na função de fogo aproximado. As forças de coalizão operavam contra forças paramilitares em áreas de operação não lineares muito distribuídas em termos de tempo e espaço.

## **Guerra Assimétrica, Quo Vadis?**

*O inimigo, empregando suas pequenas forças contra um país vasto, só pode ocupar algumas cidades grandes, as principais linhas de comunicações e parte das planícies. Portanto, existem áreas extensas no território sob a sua ocupação que ele tem que deixar desocupadas e que se constituem uma enorme arena para a nossa guerra de guerrilha.*

— Mao Tse-tung<sup>4</sup>

Mao Tse-tung é um dos praticantes de assimetria mais estudados. Na citação acima, ele explica de que maneira grupos guerrilheiros podem tirar vantagem do tempo e do espaço. Existem muitas definições de guerra assimétrica e de estratégia assimétrica. De fato, existem tantas definições que a assimetria tem se tornado o termo estratégico do dia desde meados da década de 90 e agora significa muitas coisas diferentes.

A Enciclopédia de Doutrina Conjunta (*Joint Doctrine Encyclopedia*) caracteriza a assimetria como ataques “que representam ameaças vindas de várias direções com grande variedade de sistemas de armas, para sobrecarregar as defesas do inimigo”.<sup>5</sup> Porém, a Publicação Conjunta 3-0, “Doutrina para Operações Conjuntas” (*Joint Publication 3-0, Doctrine for Joint Operations*), descreve a ação assimétrica como sendo a ação na qual “forças, tecnologias e armas são diferentes” ou ações durante as quais o terrorismo e a rejeição da abordagem convencional são a norma.<sup>6</sup> A Revisão Estratégica Conjunta (*Joint Strategy Review*) de 1999, define a assimetria ainda mais amplamente como sendo “a tentativa de evitar ou desgastar os pontos fortes dos EUA enquanto se explora as suas fraquezas usando métodos que diferem significativamente dos seus métodos operacionais”.<sup>7</sup>

O professor Steven Metz, da Escola de Guerra do Exército dos EUA, oferece outra definição para a assimetria estratégica: “Em assuntos militares e na segurança nacional, a assimetria significa agir, organizar e pensar de maneira distinta dos seus oponentes para maximizar as forças relativas, explorar as fraquezas do oponente ou obter maior liberdade de ação. Ela pode ser político-estratégica, militar-estratégica, ou uma combinação e compreende o uso de diferentes métodos, técnicas, valores, organizações ou perspectivas de tempo. Pode ser de curto ou longo prazo ou por definição. Pode também ser discreta ou empregada junto com abordagens simétricas e tem tanto dimensões físicas como psicológicas.”<sup>8</sup>

O perito em contra-insurgência, Max Manwaring limi-



Um helicóptero UH-1B aterrissa perto de uma área de combate para reabastecer as tropas dos EUA no Vietnã.

tou o escopo da guerra assimétrica a insurgências e a pequenas guerras internas. Ele se refere, explicitamente, à experiência dos EUA combatendo as guerrilhas no Vietnã como sendo uma guerra assimétrica.<sup>9</sup> A primeira referência à sua noção do conflito assimétrico encontra-se em um artigo sobre a experiência americana no Vietnã.<sup>10</sup>

A guerra assimétrica não é um conceito novo; tem origens tão antigas quanto a ocupação romana da Espanha e dos países do mediterrâneo oriental. O escopo e a definição da assimetria limitam o uso das táticas de guerrilha e de pequenas unidades usadas por elementos irregulares e paramilitares para intimidar, emboscar, bombardear e interferir com postos avançados, postos de controle, ou *LOC* de formações convencionais. Os que praticam a assimetria concentram ataques limitados contra as vulnerabilidades críticas de forças militares regulares, usando de táticas traiçoeiras para minimizar os efeitos da vantagem tecnológica e das forças massivas de seus adversários.<sup>11</sup>

O assunto guerra assimétrica é importante porque as Forças Armadas dos EUA continuarão a enfrentar inimigos que usam técnicas assimétricas. Quatro fatos justificam essa probabilidade:

- Os poderes ocidentais têm as forças militares (tecnologia e poder de fogo) mais poderosas do mundo.

logia e poder de fogo) mais poderosas do mundo.

- A homogeneização política e econômica dessas nações praticamente impossibilita uma guerra entre elas.

*Nas vastas expansões da China, Mao Tse-tung manipulou com maestria o tempo e o espaço causando a dispersão das forças japonesas. Induzindo a dispersão do Exército de Kwantung, os guerrilheiros chineses podiam atacar postos isolados e reduzir as forças japonesas aos poucos. Essencialmente, o oponente mais fraco pode usar os fatores do tempo e do espaço para manobrar a concentração/dispersão para maior vantagem própria.*

• A maioria dos adversários racionais no mundo não ocidental aprenderam, das duas guerras contra o Iraque, a não enfrentar o Ocidente em seus termos.

- Os EUA e seus aliados europeus empregarão o seu poder de fogo e tecnologia no mundo menos desenvolvido

contra adversários ostensivamente inferiores que empregarem meios assimétricos.

Conflitos assimétricos, portanto, serão a norma, e não a exceção. A natureza assimétrica da guerra no Afeganistão ressalta a importância dos conflitos assimétricos.<sup>12</sup>

## **Tempo e Espaço: O Enigma da Dispersão/Concentração**

*A estratégia é a arte do uso apropriado do tempo e do espaço.*

— Napoleão Bonaparte<sup>13</sup>

Nas vastas expansões da China, Mao Tse-tung manipulou com maestria o tempo e o espaço causando a dispersão das forças japonesas. Induzindo a dispersão do Exército de Kwantung, os guerrilheiros chineses podiam atacar postos isolados e reduzir as forças japonesas aos poucos. Essencialmente, o oponente mais fraco pode usar os fatores do tempo e do espaço para manobrar a concentração/dispersão para maior vantagem própria. O

*De acordo com um relatório do Exército, o inimigo pôde organizar as emboscadas usando um telefone celular e uma rede de observadores nas cidades ao sul de Bagdá. Supostamente, um general-de-brigada iraquiano em Al Najaf alertou a rede de defesa aérea iraquiana pelo telefone com respeito aos locais de reunião dos helicópteros e informou quando estes haviam decolado.*

guerreiro assimétrico usa o espaço atraindo o seu inimigo para as grandes e vastas áreas abertas, dificultando-lhe a concentração de sua superioridade numérica. A força convencional, então, deve usar cada vez mais tropas para assegurar as suas LOC, resultando na necessidade de muitos postos isolados. O adversário mais fraco pode então concentrar o seu número inferior de forças contra os destacamentos dispersos.

O historiador militar B.H.Lidell-Hart se refere a este tipo de combate como uma inversão do princípio ortodoxo da concentração: "A dispersão é uma condição essencial da sobrevivência e sucesso da guerrilha, a qual nunca pode ser um alvo e, assim, só pode operar em pequenas parcelas, embora estas possam temporariamente coagular, como glóbulos de sangue, para atacar algum objetivo pobremente protegido."<sup>14</sup> Em outras palavras, um inimigo prudente, que pensa assimetricamente, manipula o tempo e o espaço para dispersar as forças do poder militar mais forte, prolongando o conflito e minando a força de vontade do oponente ortodoxo. Mao Tse-tung e o General norte-vietnamita Vo Nguyen Giap sempre enfatizavam

que as forças espalhadas para controlar territórios ficavam tão dispersas que se tornavam vulneráveis. Assim, se a formação convencional concentrasse suas forças para corrigir essa vulnerabilidade, outras áreas ficariam sujeitas à insegurança. Um aumento maciço de forças poderia ajudar a resolver essa contradição operacional mas também aumentaria imediatamente os custos domésticos da guerra. Outrossim, se o exército convencional quisesse apaziguar a oposição interna à guerra retirando algumas de suas tropas, a contradição, no nível operacional, tornar-se-ia mais aguda.

Mao Tse-tung explicou que a guerrilha poderia prolongar o conflito e torná-lo uma guerra demorada empregando tropas em concentrações e dispersões apropriadas e se concentrando contra destacamentos inimigos dispersos relativamente mais fracos. Para cada espaço territorial, há uma lógica matemática inevitável que dita a quantidade de tropas necessárias para exercer o controle. Por exemplo, o soldado e escritor britânico T.E. Lawrence disse que teriam sido necessários 20 soldados turcos para cada milha quadrada (600.000 em total — um número proibitivo) para controlar a revolta árabe de 1916.<sup>15</sup>

Durante a Operação *Iraqi Freedom*, depois da queda de Bagdá, a área de operações não lineares da Força-Tarefa *Ironhorse*, ao norte de Bagdá, se estendia de Taji até Baiji ao longo do Rio Tigre no oeste, até Kirkuk no norte e no leste até a fronteira do Iraque com o Irã. A Força-Tarefa *Ironhorse* incluía aproximadamente 24.400 homens de combate e apoio ao combate operando em uma área de operações de uns 51.180 quilômetros quadrados. De acordo com o potencial para a dispersão e concentração paramilitar da matemática de Lawrence neste ambiente altamente disperso, as forças da coalizão tinham, aproximadamente, um soldado para cada 2 quilômetros quadrados.

## **A Adaptação Após o Abismo**

*Quem combate monstros deve se precaver para, durante o processo, não se tornar ele próprio um monstro. Quando você olha muito tempo para dentro do abismo, este também olha para dentro de você.*

— Friedrich Nietzsche<sup>16</sup>

As tripulações dos helicópteros *Apache* que conduziram o ataque de formatação profunda na noite de 23 de março de 2003 devem ter pensado que estavam caindo num abismo quando voaram para dentro da cortina de fogo de artilharia antiaérea e de armas de pequeno calibre lançada por elementos iraquianos regulares e irregulares. Depois do ataque do regimento contra a Divisão Medina da Guarda Republicana, os helicópteros, com rotores danificados e estruturas cheias de buracos, bateram em retirada. Os *Apache* caíram numa clássica emboscada assimétrica similar às criadas pelos guerrilheiros e com-



Departamento de Defesa

*Uma aeronave Warthog A-10 manobrando em um campo de aterrissagem no Iraque.*

batentes paramilitares no Vietnã e na Somália.

De acordo com um relatório do Exército, o inimigo pôde organizar as emboscadas usando um telefone celular e uma rede de observadores nas cidades ao sul de Bagdá. Supostamente, um general-de-brigada iraquiano em Al Najaf alertou a rede de defesa aérea iraquiana pelo telefone com respeito aos locais de reunião dos helicópteros e informou quando estes haviam decolado. O Lieutenant General William S. Wallace, Comandante do V Corpo do Exército (*Army V Corps*) comentou que o general inimigo havia usado a discagem rápida do seu telefone celular para contatar um número de defensores aéreos iraquianos.<sup>17</sup>

A rede iraquiana de defesa aérea pré-planejada permitiu às forças paramilitares responderem rapidamente em toda a aérea com fogo preciso e intermitente. Como resultado, muitos *Apaches* sofreram danos no rotor traseiro e nas áreas das cabinas. Pilotos americanos relataram que haviam encontrado um ninho de vespas de fogo antiaéreo inimigo que incluía armas leves, lança-rojões e metralhadoras antiaéreas. Quando as aeronaves se aproximaram de suas posições de fogo (*attack-by-fire positions*), o sistema de energia elétrica no solo foi completamente apagado, sinal para que os defensores aéreos iraquianos dessem início à emboscada antiaérea. O paredão de fogo concentrado danificou 34 *Apaches*.

Descrevendo esse ataque em profundidade à mídia,

Wallace disse que os helicópteros de ataque “não alcançaram os objetivos que eu havia estipulado para o ataque”.<sup>18</sup> Porém, essa havia sido apenas uma das missões da guerra

*Enquanto o elemento de assuntos civis da brigada de aviação da Força-Tarefa Ironhorse tentava restaurar a água e a eletricidade nas vilas locais, as tripulações dos seus helicópteros de ataque, operando junto à 1ª BCT, atacavam os vários elementos que se opunham à nova ordem: membros antigos e dedicados do governo de Saddam Hussein, bandos de criminosos, agentes do Irã, homens-bomba e facções iraquianas famintas pelo poder e determinadas a manter o controle.*

e o Exército e a comunidade do helicóptero de ataque adaptaram suas técnicas para derrotar um inimigo mais resolutivo e traiçoeiro do que se estimava no princípio.<sup>19</sup> Disse Wallace, “Aprendemos de nossos erros. Ajustamo-nos e adaptamo-nos baseado no que aprendemos e continuamos a usar o helicóptero *Apache* em funções importantes durante o combate.”<sup>20</sup>

Depois de 23 de março, o V Corpo do Exército continuou a ofensiva com uma série de ataques a objetivos limitados. No dia 28 de março, o V Corpo designou a 101ª Divisão Aeroterrestre (*101st Airborne Division*) para conduzir um ataque em profundidade contra a 14ª Brigada da Divisão Medina da Guarda Republicana. Porém, devido às lições aprendidas no dia 23 de março, os helicópteros de ataque da 101ª Divisão alteraram as táticas, essencialmente conduzindo um reconhecimento de área intenso, tornando a área segura enquanto atacavam em direção ao norte. Quando se deparavam com fogo organizado e leve similar ao tipo usado durante a noite de 23 de março, retrocediam e orientavam o apoio aéreo aproximado da Força Aérea para eliminar a resistência inimiga.

Durante o restante da guerra, os helicópteros *Apache* adotaram uma função de formatação aproximada ao invés de conduzirem ataques em profundidade e proveram

*No início da guerra com o Iraque, os EUA e as forças de coalizão procuraram destruir a Guarda Republicana para assim poder acabar com o regime de Saddam Hussein. Após o colapso do regime, a nova missão exigia que a Força-Tarefa Ironhorse desimpedisse a área de operações das NCF, para interditar a aquisição e proliferação de armas e estabelecer um ambiente seguro e estável no norte do Iraque.*

fogo aéreo aproximado em apoio às forças terrestres. Comentando sobre a mudança do papel de ataque em profundidade para o de ataque de combate e apoio aproximados, o Comandante do V Corpo disse, “Quando a 3ª Divisão de Infantaria atacou pela Karbala Gap (a brecha de Karbala) e subseqüentemente invadiu Bagdá, além do seu próprio batalhão de helicópteros de ataque, tinha 21 *Apaches* do 11º Regimento de Helicópteros de Ataque (*11th Attack Helicopter Regiment*) sob o seu controle operacional (*operational control* — *OPCON*), contando com um total de 39 *Apaches* para operações contínuas as 24 horas do dia, para prover o ataque de combate ou do apoio aproximado para as forças terrestres.”<sup>21</sup>

Os ataques dos helicópteros da 101ª Divisão depois de 23 de março destruíram 866 alvos, incluindo carros de combate, viaturas de combate de infantaria, artilharia antiaérea (*air defense artillery* — *ADA*) e lançadores de mísseis. Além disso, o batalhão de helicópteros de ataque da 3ª Divisão de Infantaria destruiu 25 carros de combate, 27 viaturas de combate de infantaria, 6 peças de artilharia e 52 peças da ada enquanto provia apoio de fogo aéreo aproximado durante a marcha para Bagdá.

Para adaptar-se a um inimigo que emprega táticas assi-

métricas desde posições em áreas urbanas, o modelo de missão do batalhão de ataque da 3ª Divisão de Infantaria se transformou, de ataques de batalhão ou em fases, contra blindados e artilharia, para ataques contínuos de combate aproximado em apoio ao esforço principal da Divisão — a equipe de combate de brigada (*brigade combat team* — *BCT*). O papel de apoio aproximado do *Apache* durante a principal fase tradicional da guerra marcou o renascimento da aviação na função de fogo aproximado e representou uma mudança no paradigma dominante, ao longo de uma década, dos ataques em profundidade.

Depois que as forças americanas se apoderaram de Bagdá, o *Apache* continuou a desempenhar um papel de apoio aproximado, dentro de um espaço de combate expandido e contra um inimigo paramilitar mais disperso e não tradicional, empregando técnicas maoístas de emboscadas e incursões rápidas (*hit-and-run*).<sup>22</sup>

## O Papel do Fogo Aproximado Contra os Irregulares

*Devemos travar a guerra em qualquer lugar e causar a dispersão das tropas (inimigas) dissipando-lhes a força*

— Mao Tse-tung<sup>23</sup>

Após a queda de Bagdá, a Força-Tarefa *Ironhorse* limpou e expandiu a grande área de operações não linear no norte do Iraque. Ao invés de combater as divisões da Guarda Republicana, a força-tarefa retirou da área de operações as evasivas e intransigentes *NCF*. Em meio a isso, helicópteros de ataque, trabalhando em duplas, fizeram vasculhamento, reconhecimento aéreo armado, força reacionária aeroterrestre e operações de patrulha. Essas funções eram similares às bem-sucedidas táticas de resposta de helicópteros de ataque empregadas durante a Guerra do Vietnã.

Enquanto o elemento de assuntos civis da brigada de aviação da Força-Tarefa *Ironhorse* tentava restaurar a água e a eletricidade nas vilas locais, as tripulações dos seus helicópteros de ataque, operando junto à 1ª *BCT*, atacavam os vários elementos que se opunham à nova ordem: membros antigos e dedicados do governo de Saddam Hussein, bandos de criminosos, agentes do Irã, homens-bomba e facções iraquianas famintas pelo poder e determinadas a manter o controle. Este período representou a justaposição da guerra com as operações de estabilidade.

As operações de estabilidade, atual léxico do Exército para o que costumava ser conhecido como operações de não guerra e conflitos de baixa intensidade, abrangem uma grande variedade de tarefas, incluindo o combate a insurgências. A intensidade é relativa e contextual; porém, quando o termo “conflito de baixa intensidade”



Departamento de Defesa

*Um helicóptero Apache AH-64 conduz uma missão de demonstração de força perto de Kirkuk, no Iraque.*

era popular, um aforismo oferecia, “não se trata de ‘baixa intensidade’ para o pelotão engajado numa troca de fogo com insurgentes”.

Atualmente, a Somália é categorizada no âmbito das operações de estabilidade. Porém, qualquer pessoa que tenha lido o livro ou visto o filme *Black Hawk Down* (*Black Hawk* derrubado) percebe a intensidade da Batalha de Mogadishu entre 3 e 4 de outubro de 1993.<sup>24</sup> O Chefe do Estado-Maior do V Corpo, Brigadier General Daniel Hahn descreveu esse ambiente quando disse, “Parecerá ser, às vezes, como se ainda estivéssemos em guerra”, e “operações de estabilidade são caracterizadas por ocasionais períodos de violência”.<sup>25</sup>

No início da guerra com o Iraque, os EUA e as forças de coalizão procuraram destruir a Guarda Republicana para assim poder acabar com o regime de Saddam Hussein. Após o colapso do regime, a nova missão exigia que a Força-Tarefa *Ironhorse* desimpedisse a área de operações das NCF, para interditar a aquisição e proliferação de armas e estabelecer um ambiente seguro e estável no norte do Iraque. Nesse caso, o *Apache* provou ser uma plataforma de armas eficaz para o reconhecimento, a detecção, e a interdição das NCF.

Na noite de 1 de maio de 2003, patrulhas e uma UAV trabalhando com a 1ª BCT observaram e engajaram elementos paramilitares roubando caixas de munição de

um depósito de armas a oeste de Tikrit. Uma equipe de *Apaches* chegou pouco tempo depois ao objetivo, guiada pelos oficiais de estado-maior do posto de comando da 1ª BCT que estavam vendo as imagens ao vivo sendo

*Cada batalha perdida têm, como causa, a fraqueza e a desorganização; o primeiro e imediato desejo é o de concentrar e, durante a concentração, recuperar a ordem, a coragem e a confiança. — Carl von Clausewitz*

*Se me concentro enquanto ele divide, posso usar a minha força para atacar uma fração da dele. Lá, serei numericamente superior. Então, se eu for capaz de usar muitos para atacar poucos num ponto particular, esses com quem irei lidar estarão em maus lençóis. — Sun Tzu*

transmitidas pela UAV. Os *Apaches* impediram a fuga das NCF, abrindo fogo com metralhadoras de 30mm, e converteram a viatura dos paramilitares em um “monte de metal retorcido”, matando 14.<sup>26</sup>

Os helicópteros de ataque foram eficazes para bloquear

e interditar a fuga dos paramilitares durante as operações de cerco e vasculhamento, trabalhando dentro do conceito operacional da *BCT* terrestre. Em várias ocasiões, equipes de helicópteros de ataque provaram ser de grande valor ao prevenir brechas no cerco ao longo de rotas de exfiltração inacessíveis. Para impedir e transtornar qualquer esforço por parte de alguma *NCF* para atacar o acampamento-base da brigada de aviação, helicópteros *AH-64*, integrados com equipes compostas de policiais militares, pessoal de inteligência humana tática e de viaturas antiaéreas *Linebackers*, conduziram incursões, fintas e ataques simulados na área de até 5 quilômetros além da cerca da base. Em alguns casos, os *Apache* destruíram os sistemas de defesa aérea não tripulados que restavam, bem perto da cerca da principal base operacional, para mostrar força dissuasiva. Como resultado, o inimigo não conduziu nenhum ataque bem-sucedido contra o con-

*Empregar os helicópteros de ataque numa função de combate aproximado onde adversários intransigentes usam técnicas assimétricas é particularmente importante para os EUA na sua guerra contra a al-Qaeda. Desde o século XIX, os EUA adotaram o paradigma convencional e marginalizaram o não convencional. Após vitórias contra o Iraque em duas guerras convencionais no Golfo Pérsico é improvável que outro poder de segunda ordem irá combater os EUA de acordo com o seu paradigma.*

glomerado da base do Acampamento (*camp*) Speicher. Um componente final mas importante do renascimento do fogo aproximado da aviação era o relacionamento contínuo entre as companhias de helicópteros de ataque e a *BCT* terrestre.

Enquanto durou a fase contra as *NCF* durante a Operação *Iraqi Freedom*, uma companhia de helicópteros de ataque permaneceu sob o controle operacional de cada brigada terrestre. Um oficial de ligação (*liaison officer* —*LNO*) da aviação também permaneceu no posto de comando de cada brigada para planejar e integrar o apoio aproximado. Um *LNO* era um oficial especialista antigo e experiente, dois eram capitães de carreira e todos eram pilotos qualificados para pilotarem os helicópteros *Apache*.

Os *LNO* eram fundamentais para antecipar missões e para integrar as operações aéreas e terrestres. Assim, atribuindo a cada pelotão um turno de 12 horas para o cumprimento de missões pode o batalhão de ataque responder a contingências as 24 horas do dia, 7 dias da

semana nas três áreas operacionais. O relacionamento, o treinamento e as técnicas que se desenvolveram entre a brigada da aviação e as equipes de combate terrestre eram condições preliminares essenciais para o sucesso e causaram melhoramentos exponenciais na integração aérea/terrestre. A única desvantagem de ter três companhias de ataque sob o controle operacional das brigadas era que isso não deixava nenhum *Apache* disponível para constituir uma força de combate tática (*tactical combat force* — *TCF*) ou para uma força de reserva. Uma solução possível era a de incluir uma equipe de *TCF* em cada companhia, ou então depender do regimento de ataque do Corpo de Exército para o *TCF*. Em uma área operacional tão extensa, manter uma única base operacional principal e central era necessário para manter um alto ritmo das operações.<sup>27</sup>

## A Importância da Concentração

*Cada batalha perdida têm, como causa, a fraqueza e a desorganização; o primeiro e imediato desejo é o de concentrar e, durante a concentração, recuperar a ordem, a coragem e a confiança.*

— Carl von Clausewitz<sup>28</sup>

*Se me concentro enquanto ele divide, posso usar a minha força para atacar uma fração da dele. Lá, serei numericamente superior. Então, se eu for capaz de usar muitos para atacar poucos num ponto particular, esses com quem irei lidar estarão em maus lençóis.*

— Sun Tzu<sup>29</sup>

Essas citações de dois dos mais conhecidos filósofos de guerra demonstram a importância da concentração. As palavras de Clausewitz e Sun Tzu também contrastam as distinções entre os estilos de guerra do Oriente e Ocidente. A história militar moderna atesta que o Ocidente e suas forças militares tem geralmente dominado e monopolizado o paradigma da guerra convencional, geralmente vencendo quando o Oriente ou o Sul decidem lutar de acordo com ele. As filosofias dos estrategistas militares Henri de Jomini, Clausewitz e o general russo Alexandr A. Svechin ficaram integradas às culturas dessas Forças Armadas. Como resultado, o Ocidente adaptou o uso direto da força militar, combinando a manobra e o poder de fogo para concentrar o poder de combate num ponto decisivo, o que geralmente equívale à destruição ou aniquilação de uma força ou exército inimigo.

O problema é que o inimigo que as forças militares dos EUA irão, com maior probabilidade, combater, é um que tem, durante séculos, adotado uma filosofia de guerra diferente. Os adversários em potencial são da Ásia e do Oriente Próximo — culturas que geralmente adotam uma tradição oriental de guerra e essa tradição, que geralmente brota das filosofias de Sun Tzu e de Mao Tse-tung,

distingue-se da do Ocidente pela sua dependência em ações de atrito, indiretas e pérfidas. Em outras palavras, a maneira oriental de travar a guerra e inerentemente mais assimétrica.

Empregar os helicópteros de ataque numa função de combate aproximado onde adversários intransigentes usam técnicas assimétricas é particularmente importante para os EUA na sua guerra contra a *al-Qaeda*. Desde o século XIX, os EUA adotaram o paradigma convencional e marginalizaram o não convencional. Após vitórias contra o Iraque em duas guerras convencionais no Golfo Pérsico é improvável que outro poder de segunda ordem irá combater os EUA de acordo com o seu paradigma.

A implicação do uso de helicópteros de ataque no futuro é evidente. As Forças Armadas dos EUA precisam cultivar a mentalidade, a doutrina e as técnicas que combinam os helicópteros de ataque com pequenos elementos

de manobras terrestres operando em uma área operacional dispersa. Os helicópteros de ataque devem também poder concentrar pequenas formações rapidamente no momento e lugar críticos para proverem fogo letal.

Aprender estas lições e técnicas é importante porque a guerra assimétrica não é efêmera. O Exército tem, historicamente, considerado a guerra irregular como uma anomalia temporária. Como resultado disso, não tem feito um bom trabalho para reter as técnicas da guerra assimétrica dentro de sua memória institucional. Um perito da história do Exército e da guerra da guerrilha sente que esta última é tão incompatível com os métodos e hábitos naturais de uma sociedade civilizada que o Exército a considera anormal e não tem-lhe prestado muita atenção. Cada nova experiência com a guerra irregular tem exigido que o Exército aprenda as técnicas apropriadas, outra vez.<sup>30</sup> **MR**

## Referências

1. Daniel P. Bolger, *Savage Peace: Americans at War in the 1990s* (Novato, CA: Presidio Press, 1995), p. 69.
2. U.S. Army, Corpo V, "Attack Aviation Lessons Learned: Operation Iraqi Freedom," relatório não publicado e não classificado de 2003, no *Camp Virginia*, Kuwait, p. 1.
3. U.S. Army Field Manual (FM) 3-0, *Operations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 2001).
4. Mao Tse-tung, *On Protracted Warfare* (Peking: Foreign Language Press, 1967), p. 65.
5. *Joint Publication (JP), Joint Doctrine Encyclopedia* (Washington, DC: GPO, 1997), p. 59.
6. *JP 3-0, Doctrine for Joint Operations* (Washington, DC: GPO, 2001), III- p. 9.
7. *Joint Strategy Review* (Washington, DC: GPO, 1999), p. 2.
8. Steven Metz, "Strategic Asymmetry," *Military Review* (julho-agosto de 2001): p. 24.
9. Max G. Manwaring, *Internal War: Rethinking Problem and Response* (Carlisle, PA: Strategic Studies Institute, 2001), vii-viii.
10. O termo "conflito assimétrico" apareceu primeiro em 1974 em Andrew Mack, *The Concept of Power and its Uses in Explaining Asymmetric Conflict* (London: Richardson Institute for Conflict and Peace Research, 1974).
11. Metz, p. 25.
12. Mais uma vez, "inferior" implica uma fraqueza nas medidas convencionais do poder militar, não necessariamente na estratégia, táticas ou nas habilidades do guerreiro. O conflito assimétrico era também a norma durante a Guerra Fria e durante a maior parte da história dos EUA. Durante a Guerra Fria, a ameaça de um escalonamento nuclear impediu o conflito simétrico entre as duas super potências.
13. Napoleão Bonaparte, em Michael Handel, *Masters of War: Sun Tzu, Clausewitz, and Jomini* (Portland, OR: Frank Cass, 1992), p. 99.
14. B.H. Liddell-Hart, *Strategy*, 2ª edição. (Nova York: Praeger, 1967), p. 365.
15. Andrew Mack, "Why Big Powers Lose Small Wars: the Politics of Asymmetric Conflict," em *Power, Strategy, and Security: a World Politics Reader*, editor, Klaus Knorr (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1983), pp. 138-39; Mao Tse-tung, *On Guerrilla Warfare*, tradução de Samuel B. Griffith II (Champaign: University of Illinois Press, 2000).
16. Friedrich Wilhelm Nietzsche, *Beyond Good and Evil*, livro IV, tradução de Helen Zimmern (1886) em *Bartlett's Familiar Quotations* (New Jersey: Franklin Electronic Bookman, 1998), p.146.
17. Scott Canon, "Time to Study the Lessons Learned in War," *Kansas City Star*, 2 maio de 2003, 1; Corpo V, 1; Neil Baumgardner, "V Corps Commander: Army 'Altered Use' of Apaches Following Failed Attacks," *Defense Daily*, 8 de maio de 2003, p. 3.
18. Corpo V, p. 2.
19. Baumgardner, p. 3; Rowan Scarborough, "General Tells How Cell Phone Foiled U.S. Attack in Iraq," *The Washington Times*, 8 de maio de 2003, p. 13.
20. Scarborough, p.13.
21. Corpo V, p. 2; Baumgardner, p. 3.
22. Baumgardner, p. 3; Baumgardner, "Apache Longbow Battalion Destroyed Two Republican Guard Battalions During OIF," *Defense Daily*, p. 4; Corpo V, p. 2.
23. Mao Tse-tung, p. 68.
24. Michael R. Gordon, "Between War and Peace," *New York Times*, 2 de maio de 2003, p. 1.
25. *Ibid.*
26. *Ibid.*
27. Major John Novalis, Oficial Executivo do batalhão de helicópteros de ataque da 4ª Divisão de Infantaria, entrevista com o autor no dia 13 de maio de 2003 no *Camp Speicher*, Iraque; "Operation Iraqi Freedom After Action Review," relatório não publicado e não classificado, 2003 *Camp Speicher*, Iraque, p. 5.
28. Carl von Clausewitz, *On War*, editor., Anatol Rapoport (New York: Penguin Books, 1968), p. 361.
29. *Sun Tzu, The Art of War*, tradução de Samuel B. Griffith (New York: Oxford University Press, 1982), p. 98.
30. Russell F. Weigley, *The History of the United States Army* (New York: MacMillan Publishing Company, 1967), p. 161.

*O Major Robert M. Cassidy é membro do Grupo de Iniciativas do General Comandante (Commanding General's Initiatives Group) do Exército dos EUA na Europa, em Heidelberg, Alemanha. É Bacharel pela Fitchburg State College, Mestre pela Boston University, Mestre em Artes e Lei e Diplomacia (Master of Arts in Law and Diplomacy — M.A.L.D) e Ph.D. pela Fletcher School of Law and Diplomacy. Serviu em várias funções de comando e controle, incluindo como S3 na 4ª Brigada da Aviação da 4ª Divisão de Infantaria, durante a Operação Iraqi Freedom e como oficial executivo de esquadrão (squadron executive officer), no 1º Batalhão do 10º Regimento de Cavalaria, da 4ª Divisão de Infantaria.*